

## Saberes de estudantes de Educação de Jovens e Adultos<sup>1</sup> acerca da relação entre escola e religião

Maria Regina Lins Brandão Veas\*  
Ana Claudia Ferreira Godinho\*\*

### Resumo

O presente artigo problematiza dados de uma pesquisa que buscou analisar, em uma perspectiva sociocultural, os significados que estudantes de Educação de Jovens e Adultos atribuem à relação escola-religião. Uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, se instrumentalizou da coleta de dados, observações, registros, questionários e análises, a partir de um contato direto com os sujeitos envolvidos neste processo. Confrontou-se a relação entre escola e religião, a secularização com o pluralismo cultural religioso, numa escola pública e laica. Os dados indicaram que, para estes jovens e adultos, a religião contribui para a construção de suas identidades, a elaboração e a motivação de novos projetos de vida e para se relacionarem com os colegas e docentes. Concluímos que a laicização da educação é indispensável para o respeito à diversidade religiosa dos sujeitos da EJA, mas não a negação e invisibilidade dos saberes não escolares.

*Palavras-chave:* Saberes estudantis; Educação Jovens e adultos; Religião.

### Knowledge of Youth and Adult Education students about the relationship between school and religion

### Abstract

This article problematizes results of a research that sought to analyze, from a sociocultural perspective, the meanings that students from Youth and Adult Education attribute to school-religion. A qualitative research, of exploratory perspective, had as data collection instrument, notes, records, questionnaires, and analysis, from direct contact with those involved in this process. The article intends to discuss the relationship between school and religion, by confronting secularization with religious cultural pluralism, in a public and secular school. The data indicated that for these young and adult students the religion plays contribute to the construction of their identities, development and motivation of new life projects and to relate with peers and teachers. We conclude that the secularization of education is necessary to respect the religious diversity of Young and Adult students, but it doesn't mean to deny – and thus, make invisible – students' non-school knowledge in relation to any subject.

*Keywords:* Student knowledge; Youth and Adult Education; religion.

### Apresentação

A configuração histórica da educação no Brasil foi marcada pela associação com a religião. Essas duas dimensões da formação humana estiveram relacionadas desde às primeiras experiências educativas no país, organizadas pelos Jesuítas. Desde então, tratou-se como natural a vinculação de elementos religiosos da Igreja Católica com a instituição escolar e isso foi naturalizado na cultura escolar mesmo em instituições públicas. Ou seja, por muito tempo, a presença de elementos religiosos na escola, em suas atividades cotidianas e mesmo em seu espaço físico - através de objetos e imagens - foi interpretado como algo natural, intrínseco à escola e, por esse motivo, não era tida como objeto de reflexão.

A problematização deste vínculo entre a religião e a Escola, a partir da definição da laicidade do Estado, faz caminhar para a construção de uma escola em que há o respeito às diferentes religiões. Entretanto, esse respeito à diversidade pode se traduzir em silenciamento e negação do assunto por parte da escola. Com isso, perderíamos elementos

culturais riquíssimos, como o sincretismo que caracteriza a diversidade religiosa brasileira.

Na pesquisa que originou este artigo, buscamos desnaturalizar a relação entre escola e religião ao problematizar os modos como estudantes de EJA interpretam essa relação. Entendemos que, tanto na escola como nos espaços de exercício da religiosidade, os jovens e adultos produzem saberes e estes fazem parte do sujeito, ou seja, não são um objeto que se deixe em casa ao ir para a escola. O sujeito mobiliza esses saberes em todas as experiências em que se envolver, pois eles passam a fazer parte do próprio sujeito e, com isso, de seu modo de ler o mundo, como nos ensinou Paulo Freire (1987; 1986).

A partir dessas ideias, buscamos dar voz aos atores desta modalidade educativa. Saber o que pensam sobre este tema nos permitiu perceber que, diferentemente dos grandes teóricos e sociólogos estudados, estes jovens e adultos, ao tratarem de religião, não priorizam nem criticam uma instituição religiosa em específico, mas enfatizam o papel que a religiosidade exerce em suas vidas e como estas contribuem para a construção de suas identidades,

\* Endereço eletrônico: reginalins@yahoo.com.br

\*\* Endereço eletrônico: anagodinho@yahoo.com.br

para a elaboração e a motivação de novos projetos de vida e para se relacionarem com os colegas e docentes.

Para analisar o tema escolhido, organizamos este artigo em três partes. Na primeira, buscamos contextualizar as relações estabelecidas entre educação, cultura e religião no Brasil. Na parte seguinte, apresentamos alguns aspectos desta relação no contexto da Educação de Jovens e Adultos. Na terceira parte, problematizamos a pesquisa exploratória sobre os saberes e reflexões de estudantes de EJA acerca do tema. Identificamos alguns dados para caracterizar o perfil dos sujeitos (gênero e faixa etária, por exemplo) e as suas escolhas quanto ao credo religioso para contextualizar as suas respostas. Ao final, sistematizamos as conclusões do estudo e indicamos algumas questões que podem orientar novas investigações e, com isso, fomentar o debate sobre os saberes experienciais que constituem as leituras de mundo de estudantes de EJA.

### **Educação, cultura e religião no Brasil**

Para adentrarmos as relações entre educação, cultura, religião e religiosidade no contexto brasileiro, é preciso retornar à década de noventa quando o campo religioso sofre profundas transformações, sobretudo no campo em que se contempla a manifestação da crença protestante. Segundo Montes (1998), um acontecimento em particular desencadeou todo um “rearranjo global do campo religioso brasileiro”. Em doze de outubro de 1995 - celebrações solenes marcam o dia da padroeira desde 1932 -, um escândalo suscitou uma polêmica, que fez repensar não só o aspecto religioso, mas também os meios de comunicação brasileiros. Transmitida pela então TV rede Record, pertencente ao grupo neopentecostal (Igreja Universal), um gesto do bispo Sergio Von Helder desencadeou violentas reações. O chute a uma imagem da Virgem da Conceição em seu programa, além de provocar uma indignação e defesa por parte da Igreja católica, provocou também indignação por parte de líderes das mais variadas religiões, ao negar qualquer valor sagrado àquela imagem. A partir deste fato, surge uma nova visualização do campo religioso e sua disputa, assim como também os meios de comunicação como instrumento de divulgação de crenças religiosas. Assim, torna-se concreta aos olhos da população brasileira, o pluralismo religioso e instrucional, que gera a necessidade da adequação a uma educação crítica para a alteridade.

Tais transformações no campo religioso são marcadas pela “perda de centralidade” da religião, esta parece não responder mais à sua capacidade de

conferir significados à existência e experiência de vida, que a ela eram atribuídas antes do Renascimento e do processo de industrialização e secularização. Assim, à sociedade moderna aplica-se a metáfora weberiana: “o desencantamento do mundo”. Entretanto, no universo cultural, a religião é parte integrante da formação humana, pois, através de todo o seu corpo simbólico, valores, ritos e regras de conduta, compõem um sistema cultural responsável por dar respostas ao sofrimento e à morte. Na falta dela, o ser humano recorre a outro mundo para traçar um sentido para a vida. Basta que ele se encarregue de criar seu próprio caminho no campo religioso, para satisfazer as poucas respostas nas quais instituições deste mundo ainda não conseguem tornar satisfatórias (MONTES, 1998).

Todas estas transformações requerem pensar a religião como uma das bases da vida social, evidenciando que o ser humano é chamado a dar significado à sua existência em múltiplas esferas de experiência (relação com o mundo social, natureza e o sobrenatural). Dependendo do lugar em que se encontra e seu grau de integração, a religião pode desempenhar um papel de menor ou maior relevância. Para Montes (1998), essa relação irá resultar na definição, em parte, do que existe da vida pública, nos múltiplos papéis que cada um desempenha socialmente, e o que é pertencente a cada um na vida privada, no círculo menor de amigos e, até mesmo, na própria consciência.

A relação existente entre educação e religião não se findou, com o surgimento da modernidade. Não pode haver uma educação completa se negarmos que os sujeitos têm uma religiosidade, que esta é constitutiva do ser humano. Essa ideia nos conduziu a muitos questionamentos: Como os atores do meio escolar, os estudantes, interpretam a relação existente entre a educação e sua religião? Saberes produzidos nas experiências religiosas influenciam na maneira de interpretar os saberes escolares e de agir na escola?

Em busca de respostas, buscamos compreender os termos religião e religiosidade. Oliveira (2015) define a religiosidade como a manifestação da experiência religiosa que, por sua vez, expressa-se em diversas formas individuais ou culturais, como: orações, festas, celebrações, rituais, símbolos etc. Nela, a crença em elementos ou seres sobrenaturais se materializa em objetos e atos, que não precisam estar ligados diretamente a uma religião.

Segundo Terrin (2004) e Oliveira (2015), a religião é a institucionalização da experiência religiosa e da religiosidade. Sua estrutura é simbólica e inteiramente ligada à coesão humana. A religião traça um caminho padronizado em contato com o

Transcendente, organizando grupos sociais ou culturais, Igrejas, Centros e Terreiros. A relação com o Sagrado é enquadrada dentro dos limites de cada religião. Quando a experiência religiosa se institucionaliza, passa a fazer parte do tecido cultural, com um sistema bem definido, com uma rede de símbolos, com modelos de comportamento, dogmas, ela passa a ocupar espaços, os mesmos espaços que uma cultura ocupa.

Se a essência da educação, em determinados momentos da história, consiste em modelar os indivíduos por meio de normas da comunidade, e se a religião é um meio normativo, moral, psicológico de reintegrar o ser humano em seus elos espirituais, há de se poder tomar o fenômeno religioso como um dado de relevo aos pressupostos educacionais do ser humano. Entre educação, cultura e religião existe um elo construído pelo homem no qual umas reforçam as outras. Contudo, há de se verificar que educar é recriar, é remodelar continuamente o ser humano em várias bases e a base religiosa não poderia estar ausente ou ser recusada ao intento cultural e atual de se erguer um perfil humano de valor. Religião é uma prática cultural mais ampla, que abrange os diversos processos de aprendizagem estabelecidos pelos seres humanos ao longo de sua vida, nas diversas formas de interação entre os membros de um grupo cultural junto a outros grupos.

Assim, cabe às religiões adaptarem-se às diversas mudanças. Embora o processo de secularização tenha sido visto em meados do século XX como uma ameaça às bases da fé, algo que acabaria com o espaço da religião, onde a ciência e a técnica resolveriam os problemas humanos, não foi assim que aconteceu. Outras mudanças nesse período contribuíram para fomentar discussões, tais como: a nova ordem urbana; redefinição do poder político; a reforma protestante que resultou na “pluralização de crenças religiosas”; e a renovação educacional através da redefinição da relação pedagógica entre o “mestre” e o “aluno”, fato relevante para reestruturação da aprendizagem.

A secularização é um fenômeno social onde o indivíduo faz suas escolhas distanciando de normas e valores religiosos. Segundo Cury (2004), o que existe nesse contexto, é uma dialética entre a laicidade e a secularização. Um Estado pode ser laico com uma sociedade secular ou não, contanto que indivíduos, membros de grupos agnósticos ou religiosos, ajam em torno de um bem comum – mesmo quando, segundo o OLÉ (Observatório de Laicidade do Estado), “a secularização da sociedade brasileira avança enquanto a laicidade do Estado está freada” (NOBRE, 2013). Mas segundo Ranquetat (2012), o que ocorre no Brasil é uma espécie de reconfiguração do religioso, já que na verdade “a

concepção de um Estado laico, neutro em matéria religiosa e de um espaço público distante de religião, jamais se realizou em nosso país”, e ao reverberar Oro (2005), o autor prossegue, “a laicidade e secularização, não são fatos consumados nem em países em que a modernidade esteve na agenda da formatação dos Estado-Nações e, muito menos no Brasil.” Portanto, a religião permanece viva, mas com valores e características próprias da modernidade<sup>2</sup>, ou seja, características plurais, o que as diferenciam das sociedades tradicionais (RANQUETAT, 2012).

Ora, não se olvida o que já foi assinalado no texto Constitucional: em que pese à invocação da proteção de Deus para o Brasil, nele está explícito a laicidade do Estado, e por direito, a liberdade religiosa, portanto, a laicidade. A partir de tais normas constitucionais, reconhece-se o perfil axiológico de nosso país, onde são reconhecidos os direitos humanos do povo brasileiro, em parte muitas vezes desconhecidos pela população em geral. Mas, sendo o Brasil um Estado democrático, é livre a profissão religiosa, já que todos são participantes ativos, cidadãos, que têm direito a defenderem seus valores e convicções.

Segundo Vaz (2002), de acordo com os anseios, desejos, determinações, ambições dos seres humanos, que são colocadas em leis, decretos, sentenças, códigos, pode-se verificar uma correspondência. Estas leis são o reflexo do perfil antropológico, do perfil humano de uma época e sociedade. Em cada época, almejam-se alguns direitos e em outras épocas, outros direitos e obrigações. Assim, nos livros de leis estampa-se esse modelo de ser humano em busca de seus direitos e definindo suas obrigações, de forma mais democrática ou menos democrática, mais ditatorial ou menos ditatorial.

E a educação não deve ser vista como sustentadora de valores, comportamentos ou atitudes de uma religião exclusiva, pois o ensino não é sagrado e, portanto, é plausível de críticas. Tendo em vista que a escola deve respeitar a escolha religiosa dos alunos e seus familiares, além de ser contra todo e qualquer preconceito vindo dos próprios alunos em razão de sua crença (OBSERVATÓRIO DA LAICIDADE DO ESTADO, (OLÉ)).

É imprescindível preparar os professores e outros profissionais da escola pública laica, bem como os recursos materiais. Construir a escola laica resulta em um contínuo esforço coletivo teórico e, sobretudo, político-prático. Trata-se de uma relação contínua de transformações, “a cada instante a reprodução do velho (necessário) e a possibilidade da construção do novo” (SABINO, 2009). Essa abordagem permite apreender os processos reais,

cotidianos da escola e resgata o papel dos sujeitos na vida social e escolar.

Assim, é pertinente indagar tal como Oliveira (2009), “sobre as relações de poder que permitem que a religiosidade seja vista como fato da vida escolar, e não como construto simbólico”. Religião é cultura e, não é apenas exclusividade de igrejas, visto que as religiões se encarregam de dar respostas a indagações a respeito da existência humana.

### **Religião e educação pública na modalidade EJA**

Nos diferentes níveis e modalidades da educação brasileira, a relação entre a escola e a religiosidade ainda é vista, conforme Oliveira (2009), como uma questão privada, do âmbito familiar, que, portanto, não caberia ao debate público. Nesse contexto, o papel da escola seria somente o de respeitar as diferentes crenças dos estudantes. Compreendemos que esse respeito à diversidade religiosa é um avanço na direção da laicização do estado, mas respeito não equivale a silenciamento e negação do tema. Historicizar as religiões, identificar as polêmicas e compreender a leitura do mundo que fazem os estudantes e problematizá-las faz parte de um processo educativo emancipatório. Esse desafio, no contexto da EJA, é sobremaneira importante para que a escolarização não se reduza a um ensino compensatório, baseado na lógica da suplência.

Embora a legislação não se refira diretamente aos saberes religiosos, quando menciona a importância de valorizar os saberes não escolares dos estudantes jovens e adultos, entendemos que estes constituem a sua identidade e sua leitura do mundo. A religião está presente na vida e, portanto, nos saberes não escolares de estudantes de EJA. Sendo assim, estes saberes interferem, de algum modo, em sua forma de lidar com a escola e com os saberes escolares.

A EJA, hoje, é reconhecida pela legislação<sup>3</sup>, mas ela vem com um histórico antigo, desde os anos 40, marcado por campanhas de alfabetização, que forçaram a criação de políticas, especificamente no que diz respeito à valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes. Essa modalidade de ensino visa valorizar e dialogar com os vários saberes sociais para contemplar a diversidade de seus estudantes e, assim, proporcionar a conjugação de políticas públicas setoriais e fortalecer suas vocações como instrumento para a educação ao longo da vida. Para tanto, estabelece as três principais funções desta modalidade: Reparadora, Equalizadora e Qualificadora. De acordo com CNE/CEB nº 11/2000, a EJA “é uma chave de abertura para o mundo contemporâneo em seus desafios e exigências mais

urgentes e um dos meios de reconhecimento de si como sujeito e do outro como igual.

A escolarização de jovens e adultos é voltada e pensada em especial para trabalhadores. Mas existem outros espaços sociais em que as pessoas jovens e adultas se envolvem em processos educativos não escolares e cujos saberes são mobilizados e verbalizados em sala de aula pelos/as estudantes (GODINHO, 2012). Dentre estes espaços, nos dedicamos ao estudo dos espaços de vivência da religiosidade: a igreja, o templo, o terreiro, o centro espírita, o próprio meio familiar etc. Estes são tão importantes quanto o trabalho na constituição da identidade e dos saberes destas pessoas que constituem o público da EJA. Pensar na quantidade de saberes que cada um destes alunos-trabalhadores possuem em função das atividades que realizam ou realizaram, é tarefa fundamental para o professor. Para tanto, a tarefa da escola é justamente potencializar essa competência que os jovens e adultos já desenvolvem em sua vida cotidiana de administrar suas finanças e sua sobrevivência (MEC/SECAD, 2006).

### **O que pensam os alunos sobre a relação religião – escola?**

A abordagem qualitativa é diversa e flexível, assim, utilizamos métodos que contribuem para responder a pergunta da pesquisa. Tal abordagem nos proporcionou um contato direto com os sujeitos envolvidos no processo de investigação, e a elaboração de respostas que corroborem teorias utilizadas neste estudo, proporcionando uma interação entre dados coletados e teorias apresentadas. Esse contato iniciou-se com a aplicação de questionários com perguntas derivadas do objetivo principal desta pesquisa, e a observação do local. Os elementos utilizados na pesquisa foram a escolha do lócus (Escola Estadual que atenda a EJA) e a coleta e organização dos dados com o auxílio da estatística e o estabelecimento de critérios para uma abordagem qualitativa na EJA.

O nosso estudo realizou-se numa escola de EJA – pública Escola Estadual Professor Leon Renault, de ensino regular, situada na região oeste de Belo Horizonte. A escola funciona em três turnos atendendo respectivamente estudantes do ensino fundamental I e II regulares e ensino médio da EJA. Na educação de jovens e adultos, são oferecidas turmas semestrais totalizando sete turmas (três do 2º ano e quatro do 3º ano do Ensino Médio).

Tal instituição localiza-se dentro de um Campus da Secretária de Educação do Estado de Minas Gerais, onde há prédios que funcionam oferecendo cursos de atualização para professores,

além da escola em questão. Esta ocupa uma área de aproximadamente mil metros quadrados murados, compostos por três prédios onde há salas de aulas e pátios, dividem espaço com uma ampla área verde de gramado, jardins, quadra, piscina, horta, e até um bosque, local no qual se encontram brinquedos para os alunos das séries iniciais, e um estacionamento.

É importante ressaltar que tal escola foi palco de diversas modificações ao longo dos anos de sua existência, atendia públicos diversos com finalidades diferentes. No entanto, é interessante destacar que hoje, apesar dessa escola procurar atender às necessidades próprias de nosso tempo, ainda utiliza a mesma filosofia presente em seu Regimento Escolar do ano de 1979, o que a torna culturalmente histórica, onde está explícito que:

*(...) “Cultivam-se os valores espirituais e morais da religião cristã e os valores cívico-sociais da nossa herança cultural. Defende-se a pessoa humana com seus direitos e deveres. Aceita-se cada aluno como um ser único, diferente e original, com capacidades e limitações, peculiaridades e virtualidades intrínsecas, encarando como um desafio fascinante a responsabilidade de promover todo aluno e o aluno todo. Reconhece-se a capacidade dos homens de viverem e trabalharem juntos para o bem comum. Incentiva-se: o respeito à pessoa do outro; a liberdade com responsabilidade; o pensamento crítico e criativo; o cuidado com o ambiente físico e sua conservação; a responsabilidade no cumprimento do dever; a autodisciplina; a atividade criadora e o amor à beleza; a verdade e a lealdade (REGIMENTO ESCOLAR, 1979).*

Pode-se constatar que tal escola, desde a elaboração de seu Regimento, leva os “valores espirituais e morais da religião cristã” como um modelo a ser cultivado dentro do ambiente escolar, ao mesmo tempo em que defende que cada aluno é único, respeitando assim suas peculiaridades, estimulando-os a agirem em torno de um bem comum e respeitando as diferenças. Fato notado nos dois dias em que estivemos nesta escola, na convivência entre os alunos e seus pares, indiferente do credo religioso, o que confirma o comum de nossa herança cultural.

Visitamos a escola pela primeira vez à noite, horário em que alguns estudantes chegavam e aguardavam fora e dentro da escola o horário de início das aulas dentro de sala, ou conversando no pátio. Concomitantemente, a escola oferecia um lanche para aqueles que quisessem.

Como o questionário seria aplicado nas aulas de Filosofia e Sociologia, foi preciso esperar na sala dos professores até que as aulas se iniciassem. A sala, arejada e espaçosa possuía no mural alguns avisos afixados, uma mesa junto a uma das paredes se fazia de altar, com uma toalha branca sobre a qual havia uma imagem de Nossa Senhora das Graças (aproximadamente 90 cm), uma Imagem do Sagrado Coração de Jesus (um pouco menor), entre ambas uma Bíblia aberta e um terço (objeto de devoção, utilizado pelos católicos), ornado com um vaso de flores artificiais. Este foi o único lugar em que observamos existir símbolos religiosos, pois a gruta que ainda existe em um dos jardins da escola estava sem seus símbolos. Por sua vez, na sala da coordenação, não havia qualquer símbolo religioso. Essas informações nos permitem analisar que os objetos religiosos presentes nas salas dos professores não interferem diretamente no modo como os estudantes interpretam a relação entre religião e escola, tendo em vista que os mesmos não têm acesso a esta sala.

Acompanhados pelo professor de Sociologia, fomos para a sala de aula e aplicamos o questionário no primeiro dia em três turmas de segundo ano da EJA. As salas de aula são amplas, arejadas, com boa iluminação, comportam em média cerca de vinte alunos.

O perfil dos estudantes era majoritariamente jovem, com renda predominantemente, de até três salários mínimos. Esse dado nos indica que o corpo discente é constituído de pessoas de renda familiar baixa, segundo a definição do IBGE. O grupo, portanto, apresenta as características socioeconômicas predominantes em salas de aula de EJA. Esta modalidade de ensino tem como marca atender pessoas cujas condições de vida os impediram de concluir a escolarização na infância ou adolescência.

A partir da análise e quantificação do material coletado, podemos confirmar que o fenômeno do pluralismo religioso é presente também na escola pública. Ao tratar as informações coletadas, nos deparamos com a leitura das questões fechadas que nos permitem conhecer as religiões os estudantes que se misturam entre católicos, evangélicos, espíritas, deísta, cristãos, além de um adepto a duas religiões e os que não têm religião, totalizando os cento e trinta e dois (132) voluntários que responderam ao questionário. Dentre estes, setenta e cinco (75) são jovens com idades entre 18 a 24 anos, cinquenta e seis (56) são adultos com idades acima de 24 anos e um voluntário do sexo masculino que não respondeu a questão referente à idade. Assim conclui-se que a religião predominante entre os alunos da EJA é a Evangélica, sendo precedida da

religião Católica. A questão que se coloca aqui é saber como a religião ou religiosidade de cada estudante dialoga com os saberes escolares, e se há esse diálogo, mesmo que de forma subjetiva.

A questão aberta solicitava aos estudantes que estabelecessem, a partir de seu ponto de vista, a relação existente entre religião e educação na escola e seus estudos. Para tanto, dirigia-se aos estudantes a seguinte pergunta: *“Em sua opinião, a sua religião influencia os seus estudos e a forma como você participa na escola? Explique porque você pensa assim.”* Levamos em consideração que cada resposta fornecida é resultado da relação que cada indivíduo tem com a sua religião e suas vivências religiosas em relação ao âmbito escolar, e dos significados que estes dão a estas relações.

As respostas foram variadas podendo assim ser divididas em categorias para a análise, onde encontramos dois significados recorrentes: 1. *Religiosidade como um movimento interno do ser humano que impulsiona a retomada dos estudos;* 2. *Religião como disseminadora de valores éticos que constitui a base na relação professores x alunos.* Na análise, as respostas apresentadas demonstraram um equilíbrio, entre sim e não em relação à religião como influenciadora nos estudos. Pressupomos que este equilíbrio se dá devido à diversidade de idades presentes nos alunos entrevistados, o que é normal dessa modalidade.

### **Religiosidade como um movimento interno do ser humano que impulsiona a retomada dos estudos**

Segundo Passos (2013), estamos vivendo um momento ambíguo no campo religioso, pois o que predomina são as escolhas individuais, e são estas opções que determinam a esfera religiosa. Já por outro lado, existe a diversidade religiosa que resulta numa “bricolagem” que afeta diretamente a identidade religiosa. (SANCHIS apud PASSOS 2013). Essa bricolagem e nova identidade religiosa tem seu reflexo nos vários contextos e instituições sociais que são constituídas por indivíduos. Podemos notar nas respostas dos alunos em tom de subjetividade, que há aqueles que relacionam religião à Deus, à uma instituição ou à fé e práticas religiosas.

Em outras situações, podemos interpretar que à religiosidade é atribuída uma ênfase psicológica, quando os sujeitos entrevistados afirmam que a religiosidade é parte da trajetória de vida, meio eficaz para enfrentar conflitos, tal como percebemos em algumas respostas. A garantia que o sucesso nos estudos provém de uma força divina está explícita quando os alunos descrevem que:

*“Tem que louvar a Deus para que Ele te dê forças para alcançar seus projetos;” “Deus é soberano, nosso pai celestial e através Dele é que sonhamos e nos capacita e encoraja para colocá-los em prática.” “Simplesmente (a religião) dá incentivo para começar os estudos e ir até uma faculdade.” “(A religião) faz ter forças e fé, com os estudos com o trabalho com a família e no dia a dia, e com fé, conquistar um futuro melhor.” “Boa influência, sempre incentivando e orientando para que sejamos perseverantes em nossos objetivos.” “e com esta fé conquistar o futuro, não só nos estudos, mas também no dia a dia. “Ela (a religião) me dá força para estudar” (QUESTIONÁRIOS, 2014).*

Nas respostas acima, cedidas por diferentes alunos, podemos interpretar que, ao se referirem a Deus e à religião como o que transmite força, estes sujeitos sugerem que Deus está ocupando um lugar importante em suas vidas, Deus seria o responsável pelo alcance de seus projetos pessoais, o estudante executa seus projetos, mas com confiança em um ser superior. Diferentemente, nas respostas que se seguem, observamos que a Deus é atribuído um papel secundário, o de apoio, ou seja, Deus ou a religião para estes estudantes é um coadjuvante em suas trajetórias de vida. Mas ambas as respostas corroboram o que nos diz Passos (2013), de que a religião no Brasil “é um componente significativo da estrutura social”.

*“creio que Deus me ajuda em tudo que passo.” “Religião me ajuda muito nos estudos, porque a reza é muito importante para os estudos”. “A religião é um fator muito importante na minha vida, no meu dia a dia, na fé que me apoio sempre que preciso ou até mesmo no momento de relaxamento busco agradecer à Deus todas as alegrias e provações que tenho que passar,” “ na minha opinião todos nós temos que ter uma luz ou um Deus que nos direciona tanto na escola como no todo de sua vida” (QUESTIONÁRIOS, 2014).*

Sendo assim, nas respostas acima o que ressalta são a fé e a crença em um Deus, em diferentes medidas, para que cada um dos estudantes atinja seus objetivos. Também a religião, como a instituição Igreja, é que tem sido a responsável por parte da educação de seus adeptos, atendendo-os em sua totalidade.

Outra fala enfatiza a motivação encontrada

na experiência religiosa para a construção ou o resgate de projetos de vida: *“Na igreja a gente aprende muita coisa, porque a gente tem que pensar no futuro e na igreja eles dão muito incentivo”*. Essa fala sugere que, na instituição religiosa, estas pessoas produzem aprendizagens para iniciar ou resgatar projetos de vida, e a retomada da escolarização faz parte destes projetos. Concluir os estudos tem um lugar importante na afirmação de sua autoestima, na viabilização de outros projetos e na busca de outros direitos sociais, além do direito à educação, como o direito ao trabalho.

O que aqui ressaltou foi a afirmação de que a religião influencia nos estudos, pois ela incentiva o pensar no futuro e, neste caso os estudos também estão relacionados ao porvir. A religião como um estimulante para a vida futura no mundo, um “incentivo” para programá-lo. Nas respostas dos alunos, podemos perceber a possibilidade da esperança que o campo religioso exerce sobre o sujeito, “é preciso vencer. Abrir caminhos frente à inconstância, ao risco e à insegurança” (PASSOS, 2013).

Outra questão afirmativa que se sobressaiu foi a resposta de que *“precisamos estar com nossas cabeças e espírito bem para estudar e aprender”*. Tal resposta manifesta o caráter e a influência espiritual que a religião exerce sobre as pessoas, uma influência que, como percebemos, transmite boas sensações. Uma religião que nutre o corpo e o espírito. *“Pois levo Deus comigo sempre no meu caminho e na minha vida”* (QUESTIONÁRIO, 2014).

A resposta acima pode nos revelar que, ao crer em Deus, o participante projeta em Deus um companheiro na caminhada da vida, portanto, também nos estudos Deus está junto dele. De certa forma, podemos afirmar que a relação que cada indivíduo estabelece com sua religiosidade é o que irá definir a exteriorização na vida pública, em maior ou menor grau, na qual, segundo Montes (1998), são implícitos os múltiplos papéis que cada um desempenha socialmente, na vida privada e/ou na própria consciência.

### **Religião como disseminadora de valores éticos que constitui a base na relação professores e alunos**

O campo cultural é marcado por seu caráter simbólico, o que permite que a cultura seja transmitida socialmente. Por um lado, é notável que as instituições, de maior carga simbólica, dentre elas a religião, levem consigo maior estabilidade; quanto maior o simbolismo, maior a estabilidade cuja tradição garante sua permanência, impossibilitando

mudanças. No mundo dos simbolismos, é necessário um emissor e um receptor, daí um caráter social da cultura: hábitos, costumes, valores, as padronizações de comportamento são pensadas em nível de processos sociais (MELLO, 1982). Sendo assim, nas respostas a seguir, curiosamente destacou-se a padronização de costumes, quando atribuíram à religião um caráter humanizador:

*“Sem a religião não temos o limite de saber o que é bom ou ruim, nós como seres humanos, necessitamos de uma força soberana para sabermos até onde podemos ir com nossos erros.” “Com os ensinamentos que eu recebo, eu aprendo a ser uma pessoa equilibrada e me portar, tendo um bom caráter, uma boa conduta e ser pessoa sincera.” “Apesar de não frequentar muito a igreja, tudo o que eu aprendi tem a ver com a minha religião e influencia não só na escola, mas também na sociedade.” “Me influencia, pois me direciona como devo me comportar e me comunicar”* (QUESTIONÁRIO, 2014).

Destaca-se nestas respostas o caráter normativo que a religião exerce nos demais espaços sociais. Ao mesmo tempo, destacam a indissociabilidade entre a religião e as demais experiências cotidianas que compõem a vida do estudante de EJA. Perceber que a religião influencia não só na escola, mas também na sociedade, significa reconhecer que não é possível fragmentar seus saberes, suas experiências ou sua identidade. Compreender que os estudantes consideram a religião uma fonte de influência tão intensa, a ponto de orientar o seu modo de agir e interagir em todos os espaços onde circulam, em todas as experiências de vida, nos indica que a fragmentação dos espaços proposta no processo de secularização é, de certo modo, ilusória e artificial, pois contraria o movimento que as pessoas fazem em suas vidas, que é de interação e articulação da diversidade, das contradições, dos tencionamentos e dúvidas.

A modalidade de ensino em questão propõe-se a relacionar os saberes escolares com aqueles saberes que os estudantes produzem em espaços não escolares e, como muitos deles são adeptos e frequentadores de uma instituição religiosa, seus saberes não escolares são perpassados por saberes, valores, ritos e símbolos desta natureza.

Outra questão que merece ser destacada é o caráter educativo, instrutivo que é atribuído às religiões nelas, muitas vezes, encontra-se presente a questão da alteridade, como Teixeira (2006) sugere, que para que haja o diálogo entre pessoas de

diferentes credos é necessário ver e reconhecer outro, premissa essa sustentada pela abertura à verdade, a convicção religiosa e humildade, por parte de quem dialoga. De tal forma que esse relacionamento com o tu aperfeiçoa e engrandece a identidade de ambos os sujeitos.

*“a gente aprende a respeitar as pessoas e honrar os pais da gente e respeitar os colegas.” “(a religião) fala sobre ter um comportamento bom, fala sobre respeitar o próximo” (QUESTIONÁRIO, 2014).*

Nestas respostas, notamos a questão de alteridade, do outro, da interdependência, do respeito ao próximo. Insinuam que a religião, para estes participantes, tem um poder de controle que é necessário na escola, dando a ideia de que a religião prepara o aluno, resvalando para a noção de uma religião que ensina a agir da melhor maneira na escola. Nesta perspectiva, podemos notar o valor ético atribuído à religião e ao mesmo tempo, observar que estas repostas reforçam, que a religião não raras vezes é a responsável pela estrutura de valores e todo o sistema de ordenação interno de uma comunidade (PASSOS, 2013).

A contradição da teoria da secularização aparece expressa nas respostas dos alunos, uma vez que, segundo a secularização, todos os problemas existenciais e necessidades do mundo, podem ser resolvidos pela racionalização (OLIVEIRA; SILVA, 2011). Os alunos nos dizem que, parte de suas vidas são ancoradas em palavras milenares que não foram substituídas pelas novas tecnologias.

*“Sigo as escrituras Sagradas: Bíblia, o princípio básico do meu modo de vida são dez mandamentos, eles nos ensina a amar e a respeitar o próximo, algo que falta nas pessoas hoje em dia, inclusive dentro das salas de aula.” “Pois o ensinamento da Bíblia abrange todas as áreas de nossas vidas, o princípio e a formação do caráter.” “Porque conforme a Bíblia temos que ser exemplos, pois somos a imagem e semelhança de Deus.” (QUESTIONÁRIO, 2011).*

Mas quando a religião é entendida socioculturalmente, há de se considerar que é próprio da religião, assim como afirma Montes (1998), criar um corpo de símbolos, práticas e ritos, valores, crenças e regras de conduta, um sistema que responda às situações limites, onde o ser humano pode recorrer a outro mundo que atribua sentido ainda nesta vida.

## Considerações finais

No estudo que originou este artigo, percebemos a importância de considerar o posicionamento que cada aluno exerce em sala de aula, que é influenciado por sua posição na sociedade (classe, gênero, raça e cultura), mas também pelos modos subjetivos como os e as estudantes interpretam a escola, a religião (a sua e a dos/as colegas) e a relação entre ambas. Para isso, buscamos compreender como essa relação configurou-se na educação brasileira e, especificamente, na Educação de Jovens e Adultos, por ser a modalidade educativa que os sujeitos da pesquisa frequentavam no período de realização da pesquisa.

O estudo mostrou que a relação entre educação e religião está presente em diferentes culturas e, portanto, olhar para estas relações pode contribuir para compreender a diversidade cultural dos sujeitos da EJA. Entretanto, o tema tem sido silenciado tanto pela escola, quanto pela pesquisa acadêmica. Conforme Oliveira (2009), *“não é fácil abordar essa questão, seja porque se trata de temática pouco debatida nos meios educacionais, seja porque não se reconhece o peso da religiosidade no processo de escolarização”*.

A partir dos dados coletados na pesquisa de campo, notamos que, se por um lado, podemos refletir como os estudantes de EJA interpretam e utilizam os valores e saberes religiosos, articulando-os com os saberes escolares, nas diversas situações; por outro, observamos que a instituição escolar parece ignorar e silenciar o aspecto religioso presente neste meio. Esse silêncio faz com que a religiosidade dos/as estudantes e os saberes não escolares produzidos em sua experiência religiosa sejam invisibilizados, ao mesmo tempo em que permanecem presentes, mesmo que muito sutilmente, objetos, símbolos e/ou ritos de uma só religião.

Neste sentido, buscamos problematizar o secular da sociedade, o laico do Estado com a difusão e diluição do religioso na esfera pública, ou seja, em espaços não religiosos, como é o caso da escola. A relação entre educação escolar pública e religião é marcada por um embate entre os que defendem um Estado laico e os que vêm que a religião, de certa forma, pode contribuir no sentido ético da formação humana, tal embate gira em torno mais especificamente da disciplina de ensino religioso. Porém, a pesquisa que originou este artigo nos permitiu visualizar a questão religiosa dentro de uma instituição laica, a partir do ponto de vista dos que dão vida à existência da escola: os estudantes. Estes nos mostram que a religiosidade vai além de uma disciplina do currículo escolar, pois estão impressas

em seu estilo de vida como um todo. O Estado é laico; a sociedade, secular. Entretanto, o ser humano inserido na sociedade é um ser com marcas e influências historicamente culturais e, no contexto brasileiro, em certa medida, um ser humano constitui sua religiosidade a partir do sincretismo religioso.

Ao analisar a religião sobre o prisma cultural educacional, verificamos que ela continua sendo um fenômeno de relevo mesmo em tempos de globalização. Apesar de várias mudanças sociais e culturais, muitas pessoas ainda buscam na religião explicações e conforto frente à morte e ao desconhecido, principalmente no cotidiano mais comum das pessoas.

Durante a trajetória da pesquisa, buscamos relacionar a educação na escola com a religião, desse modo, verificamos que os estudantes têm a capacidade de articular aprendizados e saberes religiosos aos saberes escolares. Os alunos frequentes na modalidade de educação de jovens e adultos fazem este diálogo de maneira específica, fato que nos despertou interesse. Falar de religião e religiosidade na educação pode ser visto como algo ainda muito teórico, portanto, esta pesquisa em sua parte empírica traz a religião como algo real na vida e no cotidiano escolar, abrindo espaço para uma interlocução com a teoria. Ela faz parte das vivências dos alunos que, em sua maioria, integram aspectos religiosos aos seus estudos em suas atividades, mas não em um diálogo direto entre saberes escolar e não escolares.

Adentrar na realidade escolar de pessoas jovens e adultas possibilitou a problematização do que estes sujeitos têm a nos dizer a respeito da relação entre religião e escola, que permaneceu invisível durante muito tempo, por privilegiar tão somente um credo religioso fortemente institucionalizado. Consideramos pertinente a realização de outros estudos que busquem compreender os estudantes de EJA como sujeitos que, em sala de aula, mobilizam experiências, conhecimentos e valores que se confrontam com outros sujeitos, outras experiências e outros saberes, e a escola é um lugar profícuo a este encontro e pode contribuir para novas leituras de mundo, que respeitem a diversidade religiosa e a diversidade cultural dos estudantes, de modo geral.

### Notas

1 O presente estudo é resultado do trabalho de conclusão de curso de Pedagogia (2014), da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/CBH/UEMG), e teve como proposta problematizar a presença e a interlocução da religião com a escola no contexto de uma escola

pública de Belo Horizonte na modalidade da Educação de Jovens e Adultos - EJA.

2 Salvo, os casos em que o fundamentalismo acompanha a modernidade, como é o fundamentalismo Islâmico.

3 Resolução nº 3, 2010, Art. 2º.

### Referências

BRASIL. *Cadernos EJA 1: Trabalhando com a educação de jovens e adultos – Alunas e alunos de EJA*. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*. Parecer 11/2000. Brasília, 2000.

CURY, C. R. J. Ensino religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 27, set./dez. 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 29ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *A importância do ato de ler em três artigos que se complementam*. 13ª edição. São Paulo: Cortez, 1986.

GODINHO, A. C. F. *A experiência escolar de mulheres na educação profissional integrada à EJA: relações de saber em sala de aula*. 2012. 280 fl. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2012.

MELLO, L. G. *Antropologia Cultural: Iniciação, teoria e temas*. Petrópolis: Vozes, 1986.

MONTES, M. L. *As figuras do sagrado: entre o público e o privado*. In: SCHWARCZ, Lília Mortiz (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NOBRE, A. dos R. *Laicidade e religiosidade em Escolas Públicas: Um Estudo de Caso sobre Práticas Religiosas Pentecostais e sua relação com a Cultura Escolar*. 2013. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

OLIVEIRA, H. S. *Educação de Jovens e Adultos e*

*religiosidade*: um estudo sobre as práticas religiosas católicas e pentecostais em espaços escolares. Paidéia. Belo Horizonte, Ano 6 n. 7 p. 73-86 jul./dez. 2009.

OLIVEIRA, H. S.; SILVA, J. A. *Nos interstícios da escolarização e da religiosidade: preconceito e intolerância religiosa em cursos de Educação de Jovens e Adultos*. Paidéia. Belo Horizonte, v. 08, p. 85-118, 2011.

OLIVEIRA, J. L. M. de. *Antropologia da religião*. Disponível em: <http://www.ucb.br/sites/000/14/PDF/AntropologiadReligiao.pdf>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2015.

OLÉ. Observatório da Laicidade do Estado. *O Estado brasileiro é laico?* Disponível em: <http://www.edulaica.net.br/72/posicoes/o-estado-brasileiro-e-laico/> Acesso em 16 de fevereiro de 2014.

ORO, A. P. A igreja Universal e a política. In: BURITI, J.; MACHADO, M. (orgs.). *Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil*. Recife: Editora Massangana, 2005. P. 119-140.

PASSOS, M. Não abandone o homem aqueles que

Deus chamou – “Encomendações de almas” na religiosidade popular em Minas Gerais. In: PASSOS, M.; NASCIMENTO, M. R. (orgs.). *A invenção das devoções, crenças e formas de expressão religiosa*. Belo Horizonte: O Lutador, 2013.

PAULO, F. NOGUEIRA, A. ;MAZZA, D. *Fazer escola conhecendo a vida*. Campina: Papirus, 1986.

RANQUETAT, J. C. A. *Laicidade à Brasileira: Um estudo sobre a controvérsia em torno da Presença de Símbolos Religiosos em Espaços públicos*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

TEIXEIRA, F. Diálogo inter-religioso e educação para a alteridade. In: SCARLATELLI et al (orgs.). *Religião, Cultura e Educação. Interfaces e diálogos*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

TERRIN, A. N. *Antropologia e horizontes do sagrado*. Culturas e religiões. São Paulo: Paulus, 2004.

VAZ, H. C. de L. *Ética e Direito*. IN: VAZ, H. C. de L. *Escritos de Filosofia II*. São Paulo: Loyola, 2002. p.135-180.

### Sobre as autoras

**Ana Cláudia Ferreira Godinho**: Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professora convidada da Universidade do Estado de Minas Gerais, no Mestrado em Educação - PPGE/FaE/UEMG Pesquisadora do grupo de pesquisa Educação, Trabalho e Conhecimento (CNPq).

**Maria Regina Lins Brandão Veas**: Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG é Mestranda na Faculdade de Educação FaE/UEMG. Tem experiência e ênfase na área de Educação, Interculturalidade, Educação Indígena e Pluralismo Cultural.

Recebido em novembro de 2015.

Aprovado em fevereiro de 2016.